



ANDRÉ LUIZ SILVA ANDRADE

**A CONSTRUÇÃO DE UM CORAL
NA EE JOÃO BATISTA HERMETO: DIÁLOGOS ENTRE A
MÚSICA, JUVENTUDE E CURRÍCULO**

LAVRAS – MG

2019

ANDRÉ LUIZ SILVA ANDRADE

**A CONSTRUÇÃO DE UM CORAL
NA EE JOÃO BATISTA HERMETO: DIÁLOGOS ENTRE A
MÚSICA, JUVENTUDE E CURRÍCULO**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado Profissional, área de concentração: área de concentração: Formação de Professores, na Universidade Federal de Lavras.

Profa. Dra. Jacqueline Magalhães Alves

Orientadora

LAVRAS – MG

2019

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da Biblioteca
Universitária da UFLA, com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

Andrade, André Luiz Silva.

A construção de um Coral na EE João Batista Hermeto:
diálogos entre a música, juventude e currículo / André Luiz Silva
Andrade. - 2019.

52 p.

Orientador(a): Jacqueline Magalhães Alves.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de
Lavras, 2019.

Bibliografia.

1. Ensino de música. 2. Educação Básica. 3. Cultura. I. Alves,
Jacqueline Magalhães. II. Título.

ANDRÉ LUIZ SILVA ANDRADE

**A CONSTRUÇÃO DE UM CORAL
NA EE JOÃO BATISTA HERMETO: DIÁLOGOS ENTRE A MÚSICA, JUVENTUDE E
CURRÍCULO**

**ORGANIZING A CHOIR IN EE JOÃO BATISTA HERMETO: DIALOGUES
BETWEEN MUSIC, YOUTH AND CURRICULUM**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado Profissional, área de concentração: Formação de Professores, na Universidade Federal de Lavras

APROVADA em 28 junho de 2019.

Dra. Priscila Correia Fernandes – ITA

Dr. Josué Humberto Barbosa - UFLA

Profa. Dra. Jacqueline Magalhães Alves

Orientadora

LAVRAS – MG

2019

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai Zilvan (*in memoriam*) por todo apoio, por me ensinar o verdadeiro significado de honestidade, de não desistir e sei que ele sempre estará olhando por mim, saudades meu pai.

À minha mãe Dalva e meu irmão João Paulo, por todo apoio financeiro, carinho incondicional, brigas, diferenças, risos, choros e por ser tudo de melhor que se espera de uma família, amo vocês.

Aos meus “dogãos” Bradock (que agora está no céu dos cachorros) e Thor, companheiros inseparáveis que, mesmo eu chegando cansado em casa, sempre me recebiam felizes e dispostos a transmitir essa alegria e amor.

Aos que me apoiaram desde o início, Larissa, Cleonice, Cintia, Zuca, Mateus, Duda, padrinho Celso, padrinho Bento, Dona Carmem, tia Zuleica, tio Zilney, obrigado.

Aos meus primos Juliano, Tayane, Aline, Fabiana por sempre me motivarem a seguir em frente.

Aos meus amigos para o resto da vida, amigos esses que espero nunca perder, Dé, Gabriel, Thuila, Rayssa, Lorena, Hélen, Feuron, Marco Túlio, Ana Luisa, Andressa, Thales, João Henrique, Iago. Mesmo havendo distância geográfica entre alguns desses citados, vocês são uma parte gigante da minha vida. Amo vocês.

Agradeço as novas pessoas que conheci nesses últimos dois anos, todas de alguma forma me fizeram amadurecer muito como ser humano.

Ao meus parceiros de luta Evoyan e Exylem, desde batalhas épicas contra peruanos e mexicanos na baía Blackheart, até simples zueiras e adivinhações no Gartic. Obrigado por tudo.

Agradeço a todos os professores que contribuíram para minha formação como Biólogo e agora como mestre e professor, e ainda mais diretamente para Lucas Del Bianco, Marcelo Passamani, Paulo Pompeu, Renato Gregorim, Luciana, Marina, Antonio, Celso.

Agradeço a professora Luciana e a Escola Estadual Doutor João Batista Hermeto, ambos fizeram parte da minha formação básica e hoje posso contribuir retornando a Escola não como aluno, mas como futuro professor.

Agradeço ao regente Daniel Paes, pela disponibilidade de fazer parte deste trabalho, e por fazer parte do melhor dia da minha semana, que é fazer parte do Coral Canto das Nascentes.

Agradeço a Prof^a. Jacqueline pela orientação, compreensão, conversas e cafés. Sempre serei grato por tudo.

Agradeço a UFLA por proporcionar a bolsa institucional, justamente na fase que mais precisei desse auxílio.

Agradeço a todos os trabalhadores da Universidade, que sem eles não haveria esta instituição.

Agradeço a banca, à Prof^a. Priscila e ao Prof. Josué Humberto pela paciência, dedicação e conselhos ofertados desde a qualificação.

*acordei bemol
tudo estava suspenso
sol fazia
só não fazia sentido*

Paulo Leminski

A CONSTRUÇÃO DE UM CORAL NA EE JOÃO BATISTA HERMETO: DIÁLOGOS ENTRE A MÚSICA, JUVENTUDE E CURRÍCULO

RESUMO

Este projeto surgiu com o intuito de pesquisar de que forma a música está inserida no cotidiano de estudantes do Ensino Médio da Escola Estadual Doutor João Batista Hermeto do município de Lavras – Minas Gerais além de, concomitantemente, explorar os possíveis potenciais da mesma como estratégia de ensino e estabelecer um diálogo no currículo vigente na Escola. A forma de estabelecer esse diálogo foi iniciada com a implementação de um Coral composto por estudantes que, a partir de nossa visita à Escola, manifestaram livremente seu interesse por compor um grupo com atividades no período da tarde no espaço da Escola e, algumas vezes, em espaços da Universidade. Esse trabalho foi coordenado pelo pesquisador e conduzido juntamente com o Regente e alguns participantes do Coral Vozes do Campus (UFLA). Essa proposta de pesquisa surgiu do interesse por saber como a música estimula a juventude e de que forma é abordada na Escola, já que a música está muito ligada ao contexto sociocultural do indivíduo e de seus grupos de vivências sociais. Essa pesquisa é de caráter qualitativo de cunho teórico-empírico, e foi realizada por meio de uma Pesquisa-ação nessa Escola. Para coleta de dados utilizamos entrevista semiestruturada, combinando questões abertas e fechadas, momento em que o/a entrevistado/a pôde explicar sobre o tema a partir das problematizações propostas. A análise dos dados foi feita a partir do método de Análise de Conteúdo. Espera-se, a partir deste trabalho, que estudantes e educadores/as compreendam o potencial da música na vida e no cotidiano, dentro e fora das escolas, possibilitando estabelecer relações entre a arte, no caso, a música, e o desenvolvimento dos/as estudantes em processos de educação que busquem uma perspectiva integral, integradora e humanizadora. Pretende-se também que essa experiência seja mobilizadora de políticas e projetos no contexto das instituições de Ensino Superior e de Educação Básica públicas, de forma colaborativa.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Música. Currículo. Educação Básica. Cultura.

ORGANIZING A CHOIR IN EE JOÃO BATISTA HERMETO: DIALOGUES BETWEEN MUSIC, YOUTH AND CURRICULUM

ABSTRACT

This project arose with the intention of researching on how music is inserted in the daily life of high school students of the State School Doctor João Batista Hermeto of the municipality of Lavras - Minas Gerais and, at the same time, explore the possible potentials as a teaching strategy and to establish a dialogue in the current curriculum at the School. The way to establish this dialogue was initiated with the implementation of a Choir composed by students who, from our visit to the School, freely expressed their interest in forming a group with activities in the afternoon at the space of School and, sometimes, at spaces of the University. This work was coordinated by the researcher and conducted together with the Regent and some participants of the Vozes do Campus Choir (UFLA). This research proposal arose from the interest in knowing how music stimulates youth and how it is approached in the School, since music is closely linked to the sociocultural context of the individual and social experiences of groups. This research has a qualitative perspective of theoretical-empirical nature, and was carried out through an Action Research in this school. For data collection we used a semi-structured interview, combining open and closed questions, at which time the interviewee was able to explain about the topic from the proposed problematizations. The analysis of the data was made through the Content Analysis method. From this work, it is expected that students and educators will understand the potential of music in life and in day-to-day activities, both inside and outside schools, making it possible to establish relationships between art, in this case music, and the development of the students in educational processes that seek an integral, integrating and humanizing perspective. It is also intended for this experience to be a mobilizer of policies and projects in the context of institutions of higher education and public basic education, in a collaborative way.

KEY WORDS: Music Teaching. Curriculum. Basic education. Culture.

Sumário

1- Introdução: Cantata inicial.....	10
2- Referencial Teórico: Arpejos para esse trabalho.....	13
2.1 - Afinação	13
2.2- Extensão e Juventude.....	14
2.3- Educação, trabalho e arte: relações históricas com os currículos atuais	19
2.4- O percurso da Educação musical no Brasil: diálogo com o atual currículo.....	23
2.5- Metodologia de abordagem da pesquisa e análise de dados	29
3- Desenvolvimento: estudos da composição.....	32
3.1- Do primeiro contato à primeira apresentação	32
3.2 Análise e discussão	37
5- Considerações Finais: “Saideira”	43
Referências.....	45
Anexos	47

1- Introdução: Cantata inicial

Acredito que para escrever projetos e trabalhos, acadêmicos ou não, sempre há uma motivação por trás dessa escrita. Neste trabalho não foi diferente e penso que não há forma melhor de compreender essa motivação que não seja pelo conhecimento de um pouco da trajetória deste autor que vos escreve.

Antes de começarmos, gostaria de explicar de forma rápida a escolha de chamar de Cantata Inicial esse tópico. Cantata (do italiano "cantata", participio passado substantivado de "cantare") é um tipo de composição vocal, que pode ser acompanhada de instrumentos ou pode ser executada em coro. Os textos de uma cantata geralmente descrevem uma situação, e no início deste trabalho, descrevo algumas das situações que impulsionaram o desenvolvimento deste.

Nasci em Rio Verde – Goiás, vim para Lavras – Minas Gerais com dois anos de idade. Tive uma infância tranquila e durante toda ela tive uma vivência musical muito intensa. Meu avô paterno fazia parte de um trio sertanejo, e apesar de não tê-lo conhecido, o violão, que pertencia a ele, foi o primeiro contato direto com um instrumento musical e está em minha família até hoje (cerca de 80 anos). Meu pai me apresentou ritmos e sons diferentes como: samba, sertanejo raiz, boleros, dentre outros. Meus tios, em sua maioria, tocavam diversos instrumentos e cantavam sempre nos encontros de família. Primos nascidos na metade da década de oitenta me apresentaram o rock e o pop. Enfim, tive várias influências na parte musical durante toda minha vida.

Na adolescência, observando que meu irmão mais velho havia aprendido a tocar violão, surgiu um grande interesse em aprender o instrumento também. E com carinho e dedicação (e algumas brigas), aprendi a tocar, sendo meu irmão, o professor. A partir desse momento, comecei a notar como a música e a musicalidade em si podem afetar o comportamento, os sentimentos, as emoções, no caso do ser humano, de forma tão impressionante. Uma música que te faz lembrar alguém, que te deixa triste, que te faz feliz, que faz você relaxar, que te inspira a criar, a sonhar e que, principalmente, faz você dançar.

Quando se fala em música, logo se pensa em sons, instrumentos e dança. Dessa forma, acreditamos que não dá para dissociar a música da dança, sendo ambas praticamente “irmãs” em essência cultural. Quando lemos em Nietzsche sua ideia de

que “...acreditaria somente num Deus que soubesse dançar”¹, esta nos remete à universalidade que a dança proporciona, uma linguagem, e a união música e dança nos proporciona experiências de saberes regionais, religiosos, profanos, sendo de suma importância para conhecimento de vários povos por todo o globo. Dessa forma, reforçamos também a força e a leveza dos sons e movimentos por meio da música e da dança.

A partir desse encantamento musical que tive ao aprender um instrumento, carreguei uma inquietação comigo por toda minha Educação Básica. Sempre estudei em escola pública, mas em nenhuma delas tive a oportunidade de aprender música ou até mesmo o mínimo contato em aulas de arte ou em qualquer outra disciplina.

Graduei-me em Ciências Biológicas, Licenciatura Plena, e com isso pude compreender de forma básica, porém, instigadora, como os sons e as batidas musicais eram recebidos em nosso corpo e quais as reações eram desencadeadas, além de saber que existe um segmento inteiro da neurociência voltada para o estudo dessa área. Participei do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID Biologia, no qual desenvolvemos projetos em que, por diversas vezes, trabalhávamos aspectos da arte, inclusive a música.

Assim que acabei a graduação, consegui me vincular ao Mestrado Profissional em Educação e assim surgiu a oportunidade de pensar, planejar e por em prática um projeto vinculado à música dentro do ambiente escolar, aproximando-os, visando também olhar a música como aliada no processo ensino-aprendizagem com as/os estudantes.

Ao surgir a oportunidade de desenvolver um projeto e relacionado à música, e olhando a enorme carência que as escolas, principalmente as públicas, tem em relação à música e a outras expressões artísticas, escolhemos uma Escola Estadual para ser desenvolvido um grupo Coro/Coral². Na sequência deste trabalho explanaremos mais sobre o porquê foi escolhido a Escola e o porquê do Coral como a forma de trabalhar a música.

A partir dessas considerações iniciais, propomos o seguinte questionamento: como a música, por meio do Coral, pode fazer parte das relações escolares e sociais

¹ “Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém”, escrito entre 1883 e 1885 pelo filósofo alemão Friedrich Nietzsche.

² Um grupo de cantores que tocam juntos em uníssono ou, muito mais comumente, em partes; também, por extensão, um trabalho ou movimento em um trabalho, escrito para execução por tal conjunto. (“Choir (ii)”. *Grove Music Online*, 8 May.2018.).

destas/es jovens, valorizando e potencializando o desenvolvimento da autoestima e autonomia?

Neste trabalho tivemos por objetivo central conhecer e analisar o potencial da música no cotidiano de alunas e alunos do Ensino Médio da Escola Estadual Doutor João Batista Hermeto (EEJBH) do município de Lavras – MG. Dessa forma, desenvolvemos como objetivos específicos: a ênfase à construção da identidade, autonomia e interações socioculturais nos espaços da Escola, observando algumas evidências de como a música está inserida na escola; construímos um grupo Coral; buscamos relacionar a música e o currículo vigente na Escola; registramos e analisamos os potenciais da música na produção da cultura, identidades e pertencimento dos jovens em seus grupos e espaços de interação/inserção nessa pesquisa-ação.

2- Referencial Teórico: Arpejos para esse trabalho

2.1 - Afinação

Assim como na afinação de um grupo Coral ou instrumento, desejados para certos tipos de canções, discutimos aqui os princípios que nos guiaram nessa pesquisa-ação desenvolvida na escola EEJBH, ou seja, a afinação para que os arpejos³ soassem de forma consonante e que as possíveis dissonâncias nos orientassem a repensar nossas práticas na escola.

O projeto ocorreu no contraturno escolar, período vespertino, quando iniciamos uma reflexão acerca de que forma a música poderia se comunicar com as atuais disciplinas vigentes no currículo. A partir dessa discussão inicial, sobre a inserção da música na proposta curricular, construímos uma relação com as demais atividades da Escola e com o Currículo adotado. Além disso, criamos momentos de reflexão sobre o porque do currículo vigente; desenvolvemos estudos preparatórios sobre o processo da pesquisa; discussões sobre a extensão universitária; análises sobre a juventude e a história da educação musical.

Em síntese, respeitando os princípios da pesquisa-ação, compusemos esse trabalho na Escola associando os estudos sobre Currículo e uma ação formadora por meio da música, referencial teórico privilegiado ao inserir minha identidade como pesquisador-autor juntamente com os sujeitos da comunidade escolar e com a atividade de extensão da Universidade Federal de Lavras – UFLA, desenvolvida pelo maestro Daniel Paes Barros.

Este trabalho foi estruturado a partir de vários estudos, porém todos referenciando a compreensão da questão principal de nossa pesquisa, a saber: como a música poderia compor com o currículo escolar vigente; como o Coral, enquanto forma de expressar a “voz” e o senso de coletividade pelo grupo, poderia potencializar vivências dos jovens para se reconhecerem como parte fundamental dos espaços; e como a Universidade, enquanto instituição envolvida, poderia legitimar a música enquanto atividade importante na vida desses jovens.

Assim sendo, nesta parte do trabalho abordamos sobre a importância da música e, em especial, da existência de um Coral na escola.

³ Um arpejo é a execução sucessiva das notas de um acorde. Enquanto que num acorde simultâneo as notas são tocadas todas de uma vez, no arpejo essas mesmas notas são tocadas uma a uma. Assim como o arpejo, iremos apresentar o referencial um por um, para obtermos um todo no final, em analogia a um acorde completo.

Primeiramente, Martins (1992) aponta que a música, como modalidade de conhecimento ou como forma de expressão, tem uma presença significativa no processo do desenvolvimento do conhecimento. O autor ainda completa que a educação musical em específico, ou seja, uma pedagogia musical com uma aprendizagem adequada para as diferentes necessidades e características humana, teve e ainda está tendo uma trajetória lenta e cheia de empecilhos, à sombra de preconceitos e credices.

Por isso o ensinar e aprender música vem sendo muito discutido no âmbito escolar.

Nesse sentido, Aquino (2013) diz que o ensino de música e com música na Educação Básica vem sendo tema de encontros de profissionais das áreas educacional e musical, desde debates a produções escritas sobre a temática. A mesma autora ainda aborda que esses debates trazem uma carga de discussões acerca do valor da música na formação de crianças e da juventude e de como trabalhar a mesma nos diferentes níveis de escolarização. Essas discussões provocam questionamentos, tais como: trabalhar ou não a música nas escolas? E, além disso, de que forma desenvolver essa linguagem: por meio de uma educação exclusiva relacionada a arte e/ou associada a outras disciplinas?

Conforme Penna (2006), a educação musical precisa estar em diálogo com outras áreas, e não somente entre as linguagens artísticas, visando maior contextualização e maior relação com a realidade das/dos estudantes.

Fonterrada (2012) nos diz que a música é uma atividade muito complexa, e requer o uso de muitas capacidades - físicas, mentais, sensíveis e emocionais, porém, ao mesmo tempo, pode ser extremamente simples. Por esse motivo, é acessível a todos que queiram usufruir, independente de faixa etária, mas também, retomando o parágrafo anterior, ao trabalhar na Escola uma Educação musical, devemos olhar sempre a realidade das/dos estudantes para que seja uma atividade inclusiva e prazerosa a todos/as. Dessa forma, a escolha de se constituir o Coral foi a mais viável para se trabalhar a música, devido aos recursos, espaços e possibilidades de todos e todas que se propuseram a participar do grupo, a fim de que tivessem, de fato, uma experiência que contribuísse para sua vida.

2.2- Extensão e Juventude

Quando falamos em universidade e, principalmente, em Universidade Pública, sempre nos lembramos dos três principais pilares da mesma: Ensino, Pesquisa e

Extensão. Nessa parte do presente trabalho, temos por foco a extensão universitária voltada à comunicação com a juventude presente na Escola Básica pública. Vale ressaltar que, apesar de nos direcionarmos para um dos pilares da Universidade, os três mencionados devem se desenvolver em conjunto, um retroalimentando processos do outro, sustentando a ideia de Universidade (BRASIL, 1996).

Iniciando, extensão por definição no dicionário significa prolongamento de algo em qualquer sentido, e nesse caso, a Extensão Universitária visa o prolongamento da universidade com o intuito de atender ou oferecer serviços fora dos “muros” da Universidade.

Ao conceituarmos Extensão Universitária, devemos olhar sempre o histórico de construção deste conceito, assim como Serrano diz:

O conceito de extensão universitária ao longo da história das universidades brasileiras, principalmente das públicas, passou por matizes e diretrizes conceituais. Da extensão cursos, à extensão serviço, à extensão assistencial, à extensão “redentora da função social da Universidade”, à extensão cidadã, podemos identificar uma resignificação da extensão nas relações internas com outros fazeres acadêmicos e na sua relação com a comunidade em que está inserida. (SERRANO, 2013)

Esta mesma autora ainda aponta em seu trabalho pelo menos quatro momentos históricos relevantes de conceituação e prática de Extensão. São eles: o modelo de transmissão vertical do conhecimento; o voluntarismo, a ação voluntária sócio-comunitária; a ação sócio-comunitária institucional; o acadêmico institucional (SERRANO, 2013). Os estudos que esta autora fez baseiam-se nos conceitos de extensão a partir dos pensamentos de Paulo Freire incluídos no livro *Extensão e Comunicação* (1983), sendo que este livro é facilmente encontrado em acervos virtuais disponível para download. Assim como ela, me apoio e valorizo, ainda mais nesses tempos de obscurantismo intelectual, os ensinamentos e pensamentos de Paulo Freire, patrono da educação brasileira.

Dando sequência ao pensamento sobre a extensão universitária, abordamos resumida e individualmente cada um destes quatro momentos históricos de conceituação de Extensão Universitária.

O primeiro citado é o modelo de transmissão vertical do conhecimento. Esse tipo de extensão, em alguns momentos ainda ocorre na atualidade, no qual o conhecimento é colocado no topo e pertencente a uma minoria intelectual, e esses intelectuais passam os conhecimentos que eles julgam importantes, para os níveis considerados mais “baixos”, desconsiderando todos os valores desses grupos sociais. Assim, ao se desconsiderar os

meios e as culturas para os quais o conhecimento será destinado, este tipo de extensão é antidialógica, podendo ser considerada até manipuladora. Dessa forma, Freire propõe o rompimento dessa verticalidade para uma relação onde todos possam ser atuantes, agindo e pensando criticamente, superando essa situação onde alguns atores são sujeitos que dominam um conhecimento dito como válido como científico, verdadeiro, e os outros são objetos, receptáculos de informações (SERRANO, 2013).

O segundo modelo é o voluntarismo, a ação voluntária sócio-comunitária. Neste modelo, a ideia de verticalizar o conhecimento começa a se romper, e passa a fazer mais sentido a todos que participam do processo de extensão. Neste momento conceitual, a Extensão Universitária começa uma trajetória para contribuir com a transformação da sociedade, transforma-se a si mesma e muda também sua relação com os outros “fazeres” acadêmicos - ensino e pesquisa.

Mas, ao pensarmos voluntarismo, podemos relacionar a outros elementos que caracterizam a extensão e a sociedade, e que demandam forte enfrentamento. Serrano escreve que:

Para além da crítica ao voluntarismo, que dá a esta extensão a natureza meramente político/ideológica, reveste-se da leitura por olhares de correntes ideológicas, anarquismo, socialismo, comunismo, liberalismo, bem como se reveste da marginalidade institucional. Mas, o Voluntarismo como momento da extensão Universitária, reveste-se também, e de forma positiva, de um início de uma tomada de consciência da necessidade de mudanças na forma de atuação das Universidades, em sua relação com a sociedade. (SERRANO, 2013)

Mas, ainda assim, devemos ter cuidado ao nos inserirmos em algum contexto para fazer extensão, pois pode parecer uma invasão cultural, assim como Freire diz ao criticar o extensionismo agrícola. Assim, ao fazer extensão é necessário compreender o outro como sujeito histórico, cultural e participante do processo.

O terceiro momento conceitual da extensão universitária é a ação sócio-comunitária institucional. Este, por sua vez, não era somente vinculado às universidades, e as práticas sócio-comunitárias não eram sistêmicas. Um dos projetos que caracteriza bem essa ideia é o Projeto Rondon que foi instituído em 1968, no qual os estudantes eram levados a conhecer realidades identificadas como “carentes”, realizando trabalhos de cunho marcadamente assistencialistas, e sem possibilidades de estabelecer vínculos mais duradouros com as comunidades. Serrano (2013) aponta em seu trabalho que, apesar dos grandes benefícios desses projetos, pode haver uma involução relativa à extensão universitária, pois partindo das teorias freireanas sobre

uma Extensão Universitária crítica e socialmente comprometida, alguns desses projetos são meramente assistencialistas, caindo novamente em uma extensão verticalizada.

O quarto e último momento conceitual a ser apresentado é o acadêmico institucional. Este por sua vez é o que mais representa as ideias de Paulo Freire sobre Extensão Universitária, pois a universidade passa a ser vista a partir de uma concepção mais autônoma e transformadora. Com isso, na Universidade do Recife, iniciou-se o movimento de Extensão Cultural que foi o “lócus nascedouro” das ideias de Paulo Freire e de sua teorização. Devemos salientar o momento histórico em que começou esse movimento - período do regime militar no Brasil, sendo Freire bastante perseguido, indo para o exílio, mas ainda sim, teve e ainda tem suas ideias desenvolvidas e referenciadas como base de inúmeros estudos e projetos no Brasil e em muitos outros países (SERRANO, 2013).

As ideias e práticas de Paulo Freire começam a fundamentar efetivamente, no Brasil, dado que ele esteve exilado por um grande período entre os anos de 1964 e 1980, os conceitos e práticas da Extensão Universitária a partir dos anos 80. Pouco tempo depois, houve a instalação do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras – FORPROEX, em 1987. Dessa forma, a discussão prática e conceitual passa a ser coordenada por essa instância colegiada.

No atual conceito elaborado sobre extensão universitária e que foi debatido nos XXVII (2009) e XXVIII (2010) Encontros Nacionais do FORPROEX, apresenta-se, para as Universidades Públicas e para a sociedade, que *A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade.*

Os objetivos apresentados para fortalecimento da Extensão Universitária por sua vez são:

1. *Reafirmar a Extensão Universitária como processo acadêmico definido e efetivado em função das exigências da realidade, além de indispensável na formação do estudante, na qualificação do professor e no intercâmbio com a sociedade;*
2. *Conquistar o reconhecimento, por parte do Poder Público e da sociedade brasileira, da Extensão Universitária como dimensão relevante da atuação universitária, integrada a uma nova concepção de Universidade Pública e de seu projeto político-institucional;*
3. *Contribuir para que a Extensão Universitária seja parte da solução dos grandes problemas sociais do País;*

4. *Conferir maior unidade aos programas temáticos que se desenvolvem no âmbito das Universidades Públicas brasileiras;*
5. *Estimular atividades de Extensão cujo desenvolvimento implique relações multi, inter e ou transdisciplinares e interprofissionais de setores da Universidade e da sociedade;*
6. *Criar condições para a participação da Universidade na elaboração das políticas públicas voltadas para a maioria da população, bem como para que ela se constitua como organismo legítimo para acompanhar e avaliar a implantação das mesmas;*
7. *Possibilitar novos meios e processos de produção, inovação e disponibilização de conhecimentos, permitindo a ampliação do acesso ao saber e o desenvolvimento tecnológico e social do País;*
8. *Defender um financiamento público, transparente e unificado, destinado à execução das ações extensionistas em todo território nacional, viabilizando a continuidade dos programas e projetos;*
9. *Priorizar práticas voltadas para o atendimento de necessidades sociais (por exemplo, habitação, produção de alimentos, geração de emprego, redistribuição de renda), relacionadas com as áreas de Comunicação, Cultura, Direitos Humanos e Justiça, Educação, Meio Ambiente, Saúde, Tecnologia e Produção, Trabalho;*
10. *Estimular a utilização das tecnologias disponíveis para ampliar a oferta de oportunidades e melhorar a qualidade da educação em todos os níveis;*
11. *Considerar as atividades voltadas para o desenvolvimento, produção e preservação cultural e artística como relevantes para a afirmação do caráter nacional e de suas manifestações regionais;*
12. *Estimular a educação ambiental e o desenvolvimento sustentável como componentes da atividade extensionista;*
13. *Tornar permanente a avaliação institucional das atividades de Extensão Universitária como um dos parâmetros de avaliação da própria Universidade;*
14. *Valorizar os programas de extensão interinstitucionais, sob a forma de consórcios, redes ou parcerias, e as atividades voltadas para o intercâmbio e a solidariedade;*
15. *Atuar, de forma solidária, para a cooperação internacional, especialmente a latino-americana.*

Assim, foi a partir dessa última conceituação de extensão que esse trabalho foi pensado. Com o intuito de mostrar que mesmo não estando matriculados na universidade, os estudantes participantes da Escola em questão, faziam/fazem parte da universidade e podem utilizar seus espaços e participar de atividades que a mesma oferece.

Essa perspectiva nos possibilita estabelecer vínculos entre a Extensão Universitária e a juventude e suas relações presentes no cotidiano (não só escolar, mas também cultural, social...). Em nosso trabalho buscamos, por meio da música, mais especificamente com um Coral, construir essa ponte entre a universidade e Escola. Essa perspectiva de informar e promover o acesso à Universidade nos foi fortalecida desde nosso primeiro encontro com as/os estudantes participantes, quando perguntamos sobre quais seriam os sonhos deles. Muitos desses estudantes responderam: trabalhar em supermercados ou coisas do gênero. Ao questionar o porquê, muitos disseram que os pais incentivavam esse pensamento e, muitas vezes, isso refletia até no comportamento destes estudantes em sala de aula.

Talvez esse incentivo dos pais para que os seus filhos – estudantes - façam o mínimo de estudos e comecem logo a trabalhar ou o comportamento em sala de aula, possam ser reflexos do contexto onde essa Escola está inserida. Esta Escola está localizada em uma região mais periférica da cidade e atende a uma população de renda mais baixa de modo geral, e por essa condição de localidade, muitos cidadãos podem simplificar e estereotipar a postura desses jovens que frequentam a Escola. De acordo com Dayrell (2007), são jovens que tendem a cair em uma visão apocalíptica sobre o fracasso da instituição escola; onde as famílias e alunos culpam professores e vice-versa. Este autor ainda trás que, para os jovens, a escola se mostra cada vez mais distante de seus interesses, sendo repetitiva e cada vez mais se tornando uma “obrigação” necessária para conseguir um diploma para estar empregado, e não como uma coisa importante para sua formação como pessoa, que faça sentido, sendo eles parte fundamental desse processo.

Por isso, nesse projeto buscamos não só ir à Escola trabalhar o Coral, nos buscamos ouvir os estudantes, conhecer um pouco da história de cada um, trazer e apresentar a Universidade pública, para que esses jovens possam buscar suas maneiras de pertencimento junto aos espaços que eles ocupam.

2.3- Educação, trabalho e arte: relações históricas com os currículos atuais

Nos dias atuais, quando pensamos no Currículo que será trabalhado com as crianças, jovens e adultos, aparecem muitas opiniões sobre isso. Opiniões essas, em diversas ocasiões, carregadas de teor religioso, tendenciosos para algum movimento político específico, e até os considerados “famosos” que utilizam dessa fama para disseminar opiniões difusas e, muitas vezes, leigas sobre o assunto. Um apontamento

importante a ser feito sobre isso é que essas opiniões ganham força ainda maior nesses tempos de “Era Digital” e de advirem de pessoas que são tidas como “referências”, “multiplicadores de ideias”, em nossa sociedade. No mundo da informação fragmentada e ideologizada, há grande propagação de um senso comum formado em um contexto de desigualdade no acesso à educação e à cultura.

Neste trabalho não negamos a digitalização do mundo, pelo contrário consideramos importante, em uma busca crítica e criativa de superação de processos de alienação e de aprofundamento de desigualdades, promovendo um uso mais consciente. Serres (2013), em seu livro “Polegarzinha”, traz uma ideia de indivíduo atual que elucida um pouco nossos pensamentos.

O indivíduo não sabe mais viver em casal e divorcia; não sabe mais se manter em sala de aula e se mexe e conversa; não reza mais na igreja. No ano passado, nossos jogadores de futebol não souberam constituir equipe (referente à Copa do Mundo de 2010); e nossos políticos ainda sabem construir um partido político plausível ou formar um governo estável? Por todo lugar se diz sobre o fim das ideologias, mas são as filiações que as criavam que se desfizeram. (SERRES, 2013, p.23)

Então, a partir dessa ideia de indivíduo “individual”, o autor ainda traz a invenção de laços, citando, por exemplo, o Facebook, que é quase equipotente à população mundial. São esses tipos de laços que podem influenciar até mesmo a escolha de um presidente. E isso pode sim tornar esse espaço (a Internet), que se pretende como facilitador de acesso à informação de forma rápida e verídica, em um espaço de propagação de mentiras e informações fragmentadas.

Nos últimos anos, principalmente pós-golpe e pós posse de um presidente não eleito, as perspectivas de Currículo para a Educação Básica vem sofrendo mudanças que trazem diversos recuos no processo em curso da ampliação do direito à educação. As reformas da Educação e a produção da Base Nacional Comum Curricular⁴ vem deixando muitas lacunas que ainda não foram esclarecidas, tendo acontecido uma consulta mínima aos maiores interessados nessas mudanças - professoras/es e estudantes. Outro aspecto é a discussão que circula nos bastidores políticos, como, por exemplo, a retirada de Artes, Educação Física, História, dentre outras disciplinas que são de suma importância para a formação de cidadãos pensantes e ativos, muito além do saber ler, escrever e somar. Neste texto abordamos mais especificamente o aspecto da Arte, justamente pela temática deste trabalho, que é a Música, porém as outras áreas não

⁴ BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

abordadas mais profundamente são de igual importância para a construção de um Currículo humanizador e de construção de uma sociedade mais igualitária. Nesse sentido, é válido argumentar acerca do porque as Artes são importantes para a formação do sujeito e da sociedade e porque não devem ser retiradas do Currículo, relacionando tais questões ao presente e passado do que é ensinado nas escolas.

Silva (2010) apresenta uma introdução à teoria dos currículos. Essa teoria, por sua vez, vem acompanhada sempre do questionamento do “o que” nos revelam essas teorias do currículo e talvez uma importante resposta para essa pergunta seja relativa aos critérios envolvidos para se construir o currículo.

O currículo é sempre o resultado de uma seleção: de um universo mais amplo de conhecimentos e saberes selecionando-se aquela parte que vai construir, precisamente, o currículo. As teorias do currículo, tendo decidido quais conhecimentos devem ser selecionados, buscam justificar porque “esses conhecimentos” e não “aqueles” devem ser selecionados. (SILVA, 2010. p.15)

Essa citação, na íntegra, se destaca por remeter à ideia das perspectivas de currículo hoje vigentes no Brasil. Como apresentado nos parágrafos anteriores, a nova proposta de currículo escolar vem sendo imposta de maneira preocupante, onde disciplinas com um teor de construir um histórico saber sobre o ser humano e sua cultura (Artes, História...) vem sendo reduzidas ou, até mesmo, excluídas.

Por sua vez, nos dias atuais, essa organização de currículo remete a tempos antigos, onde gregos e romanos mantinham uma aristocracia detentora de propriedades privadas e, do outro lado, escravos, estes responsáveis por todo o trabalho⁵. Saviani (2007) aponta que essa divisão também se aplicava à educação, que fazia parte do próprio processo de trabalho. Assim, foram separadas duas modalidades distintas de educação: uma para a classe proprietária, centrada em atividades intelectuais, na arte da palavra e nos exercícios de caráter lúdico ou militar; e a educação dos escravos e serviçais, voltada ao próprio processo de trabalho (SAVIANI, 2007).

Em outras palavras e ainda em conformidade com Saviani (2007), tais ideias nos remetem a duas palavras de origem gregas: Paidéia e Duléia. A Paidéia remete à educação enquanto inserção da criança na cultura; enquanto a Duléia significa escravidão, volta-se à educação enquanto conformação do escravo à sua condição.

⁵ Saviani (2007) traz que trabalho é o que define a essência humana. Isso significa que não é possível aos seres humanos uma vida sem trabalho, já que não temos nossa existência garantida pela natureza. Sem agir sobre ela, transformando-a e adequando-a às necessidades, a humanidade perece.

Saccomani (2016) traz a perspectiva de trabalho como produção dos recursos materiais e não materiais, necessários à sobrevivência humana, colocando-o como base de toda cultura, tanto em termos históricos como em termos da estrutura de qualquer sociedade em qualquer época. Ou seja, apesar de na época dos gregos ocorrer a elitização da educação, os escravos, com suas funções mais diversas, eram tão essenciais para a formação social e integrantes daquela cultura do que a própria aristocracia da época. Com isso, questionamos o porquê do currículo atual ser instituído para privar o conhecimento de algumas áreas para muitas crianças, jovens e adultos. Está acontecendo um retrocesso? Todos nós não constituímos a mesma sociedade?

Desses questionamentos, acreditamos que deixar de ensinar alguns conteúdos pode acarretar em um processo incompleto de formação, sendo esse decorrente da redução de conteúdos como História, ou a retirada por completo do currículo de Artes e Educação Física. Desta forma, sim, estamos em um processo de retrocesso com essa limitação de conteúdos, justamente pelo fato de que estamos em uma mesma sociedade, culturalmente diferente, porém, na mesma sociedade.

Pensando dessa forma, o trabalho e a educação em alguns momentos do processo histórico e em algumas culturas foram/são considerados quase o mesmo conceito. Porém, como aponta Saviani (2007), o desenvolvimento da sociedade de classes, em especial, nas formas escravistas, firmou a separação entre educação e trabalho. Essa organização perdura até hoje, quase no mesmo sentido de “profissionalizar” alunas e alunos para gerar “mão de obra” e deixar de lado alguns conteúdos “menos” importantes para esses sujeitos. Contudo, não se pode esquecer que o trabalho é parte da essência humana e que está em todos os processos que nós, seres humanos, realizamos.

Trazendo o que já foi apontado anteriormente, e visando o cunho voltado a arte referente a este trabalho, Saccomani (2016) diz que, assim como as outras formas de objetivação da humanidade, as artes também tiveram sua origem do trabalho, porém foi se desassociando em um longo percurso histórico. A autora ainda aponta que em sua formação, a arte, por muitas vezes, esteve misturada à magia e depois à religião, pouco a pouco sendo mais centrada no humano e, em seguida, oposta às explicações centradas no divino. Dessa forma, “a obra de arte é fruto do trabalho humano, criado pelos seres humanos e para seres humanos” (SACCOMANI, 2016, p. 54).

A partir das considerações de trabalho e educação, onde atualmente as relações são separadas, mas fazem parte de um mesmo processo e para não cair em armadilhas

do passado, como podemos dialogar as artes, em especial a educação musical juntamente com as disciplinas vigentes no atual currículo? Como já dito, não iremos discutir a fundo o porquê da educação musical não estar presente no currículo como disciplina, mas pensar e analisar possíveis pontes para que essa educação musical esteja presente no cotidiano escolar.

2.4- O percurso da Educação musical no Brasil: diálogo com o atual currículo

As primeiras perspectivas de Educação Musical no Brasil vêm desde o descobrimento (“encontramento”) do nosso país. Fonterrada (2008), em seu ensaio, aponta que no início do processo de colonização, os primeiros jesuítas começaram esse processo de educação geral, que englobava a Educação Musical. Esse processo educacional refletiu diretamente no ensino de música, onde se desprezava qualquer caráter que valorizasse a cultura indígena presente, com métodos rígidos, onde jovens curumins, em maioria, “aprendiam” músicas e autos europeus.

No período colonial, pouca mudança ocorreu no cenário do ensino de música no país. O que era ensinado, de modo geral, era de cunho religioso e voltado diretamente para a igreja. Porém, esse cenário começa a tomar outros ares com a chegada da família real portuguesa ao Brasil em 1808, que veio fugindo do exército de Napoleão. Com isso, as músicas restritas somente às igrejas, passaram a ser ouvidas em teatros, executadas por companhias de óperas estrangeiras. O acesso a esse tipo de música ainda era restrito às classes mais altas da sociedade, mas ainda assim foi um importante marco no processo da educação musical. Após um período da chegada da família real portuguesa, no ano de 1854, se instituiu oficialmente o ensino de música na escola, por meio de um decreto (FONTEERRADA, 2008).

Outro ponto na história da educação musical a ser lembrado neste trabalho, foi que, em 1890, por meio do Decreto N° 981 – de 8 de Novembro, Manoel Deodoro da Fonseca instituiu, dentro das instruções gerais pra a Educação primária e secundária daquele período, o ensino de música como parte do currículo.

O próximo ponto importante a ser tratado na construção do caminho da educação musical se dá a partir do século XX. Em 1932, o presidente Getúlio Vargas assinou um decreto tornando o Canto Orfeônico obrigatório no Rio de Janeiro. Por trás deste decreto estava Villa-Lobos que, além de ter a intenção de popularizar o ensino de música, propunha uma série de medidas para difundir a música brasileira. Vale ressaltar

que nesse período houve um incentivo à formação de professores de música, com a inauguração de alguns Conservatórios pelo país.

Em relação a esse processo, Tinhorão discorre que:

A coincidência da proposta nacionalista manifestada por Heitor Villa-Lobos desde as primeiras décadas do século com o pensamento do chefe revolucionário de 1930 levou o maestro, inclusive, a servir ao governo na área do ensino de música e da educação cívica, chegando a ter editado pelo departamento de Imprensa e Propaganda o livrinho *A música nacionalista no governo Getúlio Vargas*, que começava com a frase: Aproveitar o sortilégio da música como fator de cultura e civismo e integrá-la na própria vida e na consciência nacional – eis o milagre realizado em dez anos pelo governo do Presidente Getúlio Vargas. (TINHORÃO, 2010, p.304)

Nesse trecho o autor aponta uma forma de controle da população daquela época também por meio da música. Porém, apesar de serem anos ditatoriais, Villa-Lobos enxergou a oportunidade, ao notar o grande interesse de Getúlio Vargas em música. Dessa forma, aproveitou o espaço e acabou sendo um dos grandes mobilizadores para a Educação Musical no Brasil, além de incentivador da música popular brasileira e folclórica.

Em paralelo com os dias atuais e fazendo referência a esse controle da população, podemos dizer que as músicas geridas pela indústria cultural, são mecanismos de controle até mais efetivos do que o da época da ditadura. Muitas vezes as músicas dizem como se vestir, como ser “legal”, como “tratar” uma mulher e assim por diante.

Vale a pena ressaltar a importância do Canto Orfeônico para a educação musical de modo geral no Brasil, a partir de sua origem na França. Lisboa (2005) nos apresenta que o Canto Orfeônico pode ser definido como uma modalidade de canto coletivo, porém diferente do canto Coral, sendo o último citado considerado como mais profissional. A autora ainda aponta que a principal característica do canto Orfeônico seria a de alfabetização musical, tarefa essa a ser realizada nas Escolas de Educação Básica, sendo uma vez implantada, poderia possibilitar uma “popularização” da prática e do conhecimento musical.

Ainda na década de 60 o Canto Orfeônico foi substituído pela educação musical, que, por sua vez, vinha praticamente com o mesmo caráter do canto. Mas, a partir desse período muita coisa começou a mudar devido ao golpe militar ocorrido. Em relação ao ensino de música, houve um retrocesso, pois no ano de 1971, com as interferências do governo militar no currículo, ocorreu uma diluição do ensino de música dentro do

conteúdo de Artes. Com isso, eram formados professores polivalentes de Educação Artística, sem uma formação mais aprofundada e, geralmente, essa era voltada às artes plásticas.

Com o fim do período militar, no início dos anos 1980, e passado o período de alguns anos, foi promulgada a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/EN, Lei 9394, em 20 de dezembro de 1996), por meio da qual se imprimia uma nova organização ao sistema escolar. Praticamente junto com essa lei, aparecem em pauta os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que trazem orientações para cada área do conhecimento: Língua Portuguesa, Matemática, Conhecimentos Históricos e Geográficos, Ciências, Língua Estrangeira, Educação Física e Artes (Música, Dança, Teatro e Artes Visuais).

Depois de um tempo sendo tratada da mesma forma, legalmente falando, a inserção da música na Educação Básica ganhou força a partir da aprovação da Lei Nº 11.769 em 18 de agosto de 2008, que altera a LDB, dispondo sobre a obrigatoriedade do ensino da música nas escolas de Educação Básica. Aquino (2013) nos apresenta que além da luta dos professores e profissionais da música para a inserção dessa nas escolas, esta lei vem inspirando práticas e produzindo novas relações sociais no campo da educação musical, gerando possibilidades para sua realização. Porém, em seguida, é acrescentado ao artigo 26 dessa lei o parágrafo seis (6º) que torna a música conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular Arte, de que trata o parágrafo dois (2º) do mesmo artigo.

Olhando o caminho histórico e legal percorrido, o ensino de música, entre outras artes, vem sendo tratado como parte fundamental da história da civilização e como uma maneira para o desenvolvimento das inúmeras capacidades humanas, fazendo parte do cotidiano das pessoas e “sendo socialmente incorporada em seus diferentes usos e funções e nos mais distintos meios sociais” (SOBREIRA, 2012, p.8). A partir disso, e considerando o contexto sociocultural em que a Escola está inserida, delineamos a pergunta: como ter a música como aliada no processo ensino-aprendizagem?

Pensando nisso e visando a inserção da música de forma a dialogar com o currículo das escolas, surgiu a proposta de aliar a educação musical a partir do Coral com os Temas Transversais (saúde, meio ambiente, ética, pluralidade cultural, orientação sexual, trabalho e consumo) abordados nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1997a.). Almeida (2006) aponta os Temas Transversais como precursores que dão sentido social aos conteúdos conceituais e procedimentais

nas disciplinas escolares, dessa forma, aproximando à realidade e ao cotidiano das/os alunas/os. Devido à transversalidade destes temas e à possibilidade de serem abordados nas diversas áreas do conhecimento, eles potencializam também a interdisciplinaridade. Por meio da interdisciplinaridade podemos promover várias discussões a respeito de seu significado e de sua prática, questionando o isolamento e falta de comunicação entre as disciplinas quando fechamos a porta de nossa sala de aula, não havendo diálogo entre os pares (SILVA, 2015).

Conforme o documento, esses temas podem ser trabalhados e contextualizados de acordo com diferentes realidades, local e regional. Na apresentação destes temas foram apontados os seguintes critérios para a escolha dos mesmos: urgência social; abrangência nacional; possibilidade de ensino e aprendizagem; contribuição para a compreensão da realidade e para a participação social. Na sequência, apresentamos uma síntese de como os Temas Transversais são apresentados no documento.

O primeiro tema transversal *Ética* traz em sua essência a carga de estar presente implicitamente nos outros temas, pois este diz respeito às reflexões sobre as condutas humanas e traz consigo a pergunta: “Como agir perante os outros?”. Verifica-se que tal pergunta é ampla, complexa e sua resposta implica tomadas de posição valorativas. Na escola, o tema *Ética* encontra-se nas próprias relações entre os agentes que constituem essa instituição: alunos, professores, funcionários, pais e comunidade. Aparece também nas disciplinas do currículo, uma vez que o conhecimento não é neutro, nem impermeável a valores de todo tipo. Em resumo, por esse caminho se busca a reflexão sobre os diversos modos de conduta humana, o que deve fazer parte dos objetivos maiores da escola, comprometida com a formação para a cidadania.

Assim, nesse documento oficial de currículo apresenta-se o argumento de que

...o tema *Ética* traz a proposta de que a escola realize um trabalho que possibilite o desenvolvimento da autonomia moral, condição para a reflexão ética. Para isso foram eleitos como eixos do trabalho quatro blocos de conteúdo: Respeito Mútuo, Justiça, Diálogo e Solidariedade, valores referenciados no princípio da dignidade do ser humano, um dos fundamentos da Constituição brasileira. (BRASIL, 1997a.)

A temática *Meio Ambiente* traz consigo, na bagagem, a história da Terra, na qual os seres vivos se desenvolveram, interagiram e se tornaram dependentes uns dos outros. Esse conjunto de seres vivos se entrelaça de modo profundo com os elementos físicos da natureza. Cada ser vivo tem seu espaço e interage de forma direta ou indireta com

outros seres vivos e/ou um elemento, estabelecendo relações e constituindo seu meio ambiente.

Falando assim, pode parecer que o meio ambiente abrange somente aspectos físicos e biológicos, colocando-se o ser humano, muitas vezes, “fora” desse meio. Torna-se, assim, importante ressaltar que o ser humano faz parte do meio ambiente e as relações que são estabelecidas, sejam elas sociais, econômicas e culturais, também fazem parte desse meio e, portanto, são aspectos de grande relevância para a área ambiental. Ao longo da história, o ser humano transformou-se pela modificação do meio ambiente, criou cultura, estabeleceu relações econômicas e modos de comunicação com a natureza e com os outros. Dessa forma, é preciso refletir sobre como devem ser essas relações socioeconômicas e ambientais, para se tomar decisões adequadas a cada passo, na direção das metas desejadas por todos: o crescimento cultural, a qualidade de vida e o equilíbrio ambiental.

O tema transversal *Saúde* remete à maneira como os seres humanos vivem, em uma interação dinâmica entre potencialidades individuais e condições de vida. É difícil compreender ou transformar a situação de um indivíduo ou de uma comunidade sem levar em conta que ela é produzida nas relações com o meio físico, social e cultural. Quando se aborda essa temática, devemos pensar, por exemplo, no consumismo sem controle, na miséria, na qualidade do ar, no saneamento básico, na desnutrição, em estilos de vida coletivos e individuais, além de diversos outros fatores que culminam na saúde de modo geral. Modos adequados ou inadequados à saúde são construídos desde a infância pela identificação com valores observados em modelos externos ou grupos de referência. A escola, como formadora de cidadãos, também tem seu papel na construção e disseminação de hábitos saudáveis, pois dessa forma, o aluno se torna ponte de comunicação entre escola e família. Pensando assim, a formação do aluno para o exercício da cidadania compreende a motivação e a capacitação para o autocuidado, assim como a compreensão da saúde como direito e responsabilidade pessoal e social.

A *Orientação Sexual* (atualmente referida como Gênero e Sexualidade), de acordo com o documento, deve ser entendida como um processo de intervenção pedagógica que tem como objetivo transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores a ela associados. Essa intervenção ocorre de forma coletiva, diferenciando-se de um trabalho individual, de cunho psicoterapêutico e enfocando as dimensões sociológica, psicológica e fisiológica da sexualidade. Este tipo de intervenção, muitas vezes, diferencia-se da

realizada pela família, pois possibilita a discussão de diferentes pontos de vista associados à sexualidade, sem a imposição de determinados valores sobre outros. Para este tema, propõem-se três eixos fundamentais para orientar a intervenção do professor: Corpo Humano, Relações de Gênero e Prevenção às Doenças Sexualmente Transmissíveis.

Deste modo, propõe-se que

a abordagem do corpo como matriz da sexualidade tem como objetivo propiciar aos alunos conhecimento e respeito ao próprio corpo e noções sobre os cuidados que necessitam dos serviços de saúde. A discussão sobre gênero propicia o questionamento de papéis rigidamente estabelecidos a homens e mulheres na sociedade, a valorização de cada um e a flexibilização desses papéis. O trabalho de prevenção às doenças sexualmente transmissíveis/AIDS possibilita oferecer informações científicas e atualizadas sobre as formas de prevenção das doenças. Deve também combater a discriminação que atinge portadores do HIV e doentes de AIDS de forma a contribuir para a adoção de condutas preventivas por parte dos jovens. (BRASIL, 1997a.)

De forma breve, pelo tema *Trabalho e Consumo* propõe-se problematizar as relações entre os mesmos, além da quantidade e da diversidade de trabalho presentes em cada produto ou serviço, que são muitas e com certo nível de complexidade. Um exemplo dessa relação pode ser pensar a partir de um pequeno ato de se comer uma fatia de queijo. Podemos pensar desde o produtor rural até a ação de se escolher uma determinada marca para se consumir, quanto trabalho foi investido até chegar à mesa do consumidor. Podemos definir trabalho como a modificação da natureza operada pelos seres humanos de forma a satisfazer suas necessidades. Nessa relação, os seres humanos modificam e interferem nas coisas naturais, transformando-as em produtos do trabalho, e se transformando também.

Dessa forma o trabalho,

...ao mesmo tempo que organiza e transforma a natureza, organiza e transforma o próprio homem e sua sociedade. O trabalho não é uma categoria abstrata ou sem localização histórica. Cada sociedade cria suas formas de divisão e organização do trabalho, de regimes de trabalho e de relação entre as pessoas no e para o trabalho, além de instrumentos e técnicas para realizá-lo. Por isso varia também aquilo que é considerado trabalho e o valor a ele atribuído. (BRASIL, 1997a.)

A partir da caracterização dos temas transversais, notamos que, apesar de terem seus próprios caminhos apontados, todos eles se interligam de alguma maneira, tornando-os um excelente aliado para se trabalhar e inserir de forma prazerosa no ambiente escolar, pois de forma bem trabalhada estes temas podem ser o caminho para

um ensino/aprendizagem bem contextualizado. Não colocando os Temas transversais como a solução de todos os problemas, mas pensando nas possibilidades que, a partir das pontes estabelecidas por eles, podem trazer força à educação musical, tornando-se essa, de fato, uma área de trabalho vigente no currículo: letras, contexto em que as músicas foram compostas, história e vários outros aspectos que permitem diferentes e ricas mediações do processo de educação musical, aliadas às temáticas transversais.

Dessa maneira, um dos principais requisitos para que se possa conseguir inserir a educação musical no cotidiano escolar, é a necessidade de conhecer as preferências que os estudantes em relação à música. Alguns fatores são apontados como condicionantes na formação dessas preferências, sendo alguns deles: familiaridade, complexidade e audição repetitiva, influências sociais e culturais, personalidade do ouvinte, uso da música, gênero, classe social e idade (BRITO E CHEVITARESE, 2015).

2.5- Metodologia de abordagem da pesquisa e análise de dados

Este estudo foi desenvolvido em uma abordagem de pesquisa qualitativa de cunho teórico-empírico, sendo direcionado ao conhecimento da realidade da Escola em questão, que é localizada na periferia do município de Lavras, MG.

Dentre os caminhos da pesquisa qualitativa, nossa opção foi pela pesquisa-ação, realizada com estudantes do Ensino Médio, envolvidos no projeto. Sobre Pesquisa-ação, Baldissera aponta que:

A pesquisa-ação exige uma estrutura de relação entre os pesquisadores e pessoas envolvidas no estudo da realidade do tipo participativo/ coletivo. A participação dos pesquisadores é explicitada dentro do processo do “conhecer” com os “cuidados” necessários para que haja reciprocidade/complementariedade por parte das pessoas e grupos implicados, que têm algo a “dizer e a fazer”. Não se trata de um simples levantamento de dados. (BALDISSERA, 2012, p. 6)

De acordo com Pinto (1989, apud BALDISSERA, 2012), a proposta de pesquisa-ação contém as seguintes implicações para os setores populares:

- o acesso ao conhecimento técnico-científico, que possibilite a participação e o “desvelamento” da realidade e sua efetiva transformação pelo trabalho/ação;
- o incentivo à criatividade, a fim de gerar novas formas de participação;
- a organização da base em grupos, nos quais eles sejam o “sujeito/ agente de sua transformação/libertação. (BALDISSERA, 2012, p. 7)

Como coleta de dados foi escolhida a entrevista. Haguette (1995) afirma que a entrevista é um processo de interação social em que o pesquisador busca obter

informações do entrevistado por meio de um roteiro contendo tópicos que contemplem uma problemática central definida. Minayo (1994) ainda afirma que a entrevista privilegia a obtenção de informações por meio dos discursos individuais que revelam condições estruturais, sistemas de valores e símbolos, sendo o entrevistado, portanto, um porta-voz e denunciante das representações de determinados grupos sociais.

Neste contexto, escolhemos realizar entrevistas semiestruturadas. Nessa combinamos questões abertas e fechadas de modo que o entrevistado tivesse a oportunidade de explanar sobre o assunto proposto a partir das problematizações inseridas. Nesse tipo de investigação o pesquisador deve elaborar questões orientadoras, mas não limitar a entrevista, possibilitando, assim, a liberdade da expressão do informante (BONI; QUARESMA, 2005).

Segundo Boni e Quaresma (2005), a entrevista semiestruturada se apresenta como uma das técnicas de maior adesão à pesquisa por parte da população, pois, além de ser desenvolvida por meio do diálogo, possibilita a correção de enganos por parte dos entrevistados sobre as questões; respostas espontâneas pela interação entre entrevistador e entrevistado; a elasticidade quanto ao tempo de duração, o que viabiliza uma cobertura mais profunda sobre o tema discursado em entrevista; a leitura e captação das comunicações não verbais, que transparecem no decorrer da entrevista.

As entrevistas foram feitas com as e os estudantes participantes do Coral e com o Regente em momentos distintos. Ainda há um relato da professora que era coordenadora do turno em que as atividades ocorriam. O diálogo com esta professora não foi a priori definido como uma entrevista, devido ao pouco acompanhamento dela no dia a dia dos ensaios, mas ela relata fatos e fatores importantes sobre o desenvolvimento do projeto na Escola.

Para compreensão dos dados coletados foi utilizada a análise de conteúdo. Este é um dos procedimentos clássicos para analisar o material textual, não importando qual a origem do mesmo, podendo variar desde produtos da mídia até dados de entrevista (BAUER, 2000 apud. FLICK, 2008, p.291).

Nessa perspectiva de análise, Minayo (2011, p. 78) apresenta três passos para sua sistematização:

Ordenação dos dados: nessa etapa organizam-se todos os dados obtidos no trabalho em campo. Por exemplo: transcrição de gravações, releitura de material, organização de relatos e demais dados da observação;

Classificação dos dados: nessa fase é relevante ressaltar que o dado não existe por si só, pois este é construído a partir de um questionamento que fazemos sobre eles, com base em fundamentação teórica. A partir de leituras exaustivas dos dados, estabelecemos dúvidas para identificarmos o que surgiu de relevante;

Análise final: nesta, procura-se estabelecer relações entre os dados e os referenciais teóricos da pesquisa, respondendo as questões da pesquisa com base em seus objetivos. Desta forma, estabelecendo relações entre o abstrato, o individual e o geral.

Dessa maneira, buscamos identificar experiências, entendimentos e interações, a fim de corresponder aos objetivos de pesquisa.

3- Desenvolvimento: estudos da composição

O desenvolvimento dessa pesquisa ou estudo da composição está organizado em duas partes. Na primeira parte analisamos o processo de inserção na Escola até a primeira apresentação do Coral, identificando o percurso e a construção do grupo na EEJBH, e na segunda parte analisamos os dados obtidos durante a sua realização.

3.1- Do primeiro contato à primeira apresentação

No percurso inicial deste trabalho, foi proposto para a comunidade escolar da Escola Estadual Doutor João Batista Hermeto, de Lavras, Minas Gerais desenvolver um projeto piloto envolvendo música, sendo essa aproximação música/escola feita por meio da construção coletiva de um Coro/Coral. Foi escolhido o Coral por ser uma prática de canto coletivo, e assim propiciar uma maior relação dos/das estudantes entre eles, e também a relação com seus professores.

A Escola escolhida para desenvolver esse projeto foi a Escola onde o pesquisador estudou no Ensino Médio. Assim, como pesquisador, foi e é muito importante ter esse retorno às bases de nossa formação e poder desenvolver um projeto deste cunho em uma Escola que traz significativa memória de aprendizados e afeto, sendo no processo do projeto de extensão e da pesquisa recebido como colega docente.

Ainda sobre a Escola, a mesma é localizada na periferia do Município. Atende bairros considerados vulneráveis economicamente, e de certo modo, atualmente, é estigmatizada como uma escola “ruim” dentre as demais da cidade, justamente pelo fato de atender pessoas de bairros mais afastados do centro, sendo o grande pré-conceito da população da cidade.

O primeiro contato foi com a professora de Ciências/Biologia, já que ela tem atuado como supervisora de Estágio Supervisionado de licenciandos/as da graduação da Universidade e é professora no Ensino Médio, tendo sido professora e supervisora de estágio do pesquisador. A partir dessa primeira conversa, fomos até a Escola explicar e solicitar à direção o desenvolvimento do projeto de mestrado, juntamente com a formação de um grupo de Coral, e de imediato recebemos apoio de todos da Escola, o que nos motivou ainda mais a dar sequência às atividades. Outro ponto a ser ressaltado foi a disponibilização de um espaço dedicado ao ensino de música, espaço esse recente, porém nunca utilizado. A professora em questão, além de ser nosso primeiro contato

com a Escola, ainda era responsável pelo turno da tarde, horário em que as atividades do Coral ocorreram.

A partir dessa resposta positiva da direção e professores, o primeiro passo foi procurar saber quantos estudantes estavam interessados no projeto. Com isso, visitamos todas as salas do Ensino Médio da Escola apresentando e questionando se havia algum aluno interessado. Inicialmente cerca de trinta alunos e alunas mostraram-se interessados, majoritariamente as meninas. Deste número inicial, permaneceram até o final, cerca de onze estudantes, sendo a maioria de meninas ainda.

Com esses dados em mãos, e visando o interesse conjunto, convidamos o Regente Daniel Paes Barros do Coral *Vozes do Campus, Orquestra de Cordas e Coral Canto das Nascentes* da Universidade Federal de Lavras - UFLA para visitar e conhecer toda a estrutura da Escola. O encontro e a compatibilidade de ideias junto ao Regente apareceram de forma inesperada, sendo as primeiras conversas de maneira um tanto informal. A partir dos interesses em comum foi estabelecida essa parceria. A partir disso houve algumas reuniões para que o Regente pudesse então conhecer a Escola como um todo, já que ele era recém-chegado na cidade e conhecia poucos locais.

Nessa primeira visita do Regente à Escola, tivemos a primeira conversa com as/os estudantes acerca do Coral e sondamos os gostos musicais, para o que destacaram: sertanejo universitário, sertanejo raiz, rap, rock, indie, eletrônica, gospel, pop internacional, funk e MPB.

Com as conversas estabelecidas entre as partes deste projeto: Escola e Regente, começaram as atividades do Coral. Os encontros dos alunos com o Regente passaram a acontecer todas as quartas feiras, na própria Escola, com duração de uma hora de ensaio. Houve oportunidades em que os ensaios foram realizados no Campus da UFLA.

No primeiro encontro foi feito um trabalho coletivo de personalização do espaço em que tivemos os nossos ensaios. Foram feitos grafites, cartazes com trechos de músicas que os/as estudantes gostavam, no intuito de aumentar a sensação de pertencimento desses jovens àquele espaço, assim começando a estabelecer vínculos e compromissos com o grupo.

Nos encontros seguintes, começamos trabalhos de canto com o grupo. Foram feitos exercícios de respiração, aquecimento vocal e alguns diálogos de como o nosso corpo funcionava ao cantar. Nesse momento, havia um ambiente mais descontraído, pois ao fazer os exercícios de aquecimento pela primeira vez, sentem-se em uma situação “engraçada”, devido às caretas feitas ao exercitar a voz. Em todos os encontros

fazíamos esses exercícios e sempre era reforçada a importância destes para se cantar de forma saudável.

Os primeiros encontros também foram importantes no sentido de se estabelecer o aspecto do cantar em conjunto. Assim, a sugestão do Regente como peça inicial foi o “Baião de Ninar”, peça de curta duração, porém muito utilizada em diversos grupos Coral, pela simplicidade da letra e grandeza, ao ser interpretada em conjunto.

Figura 3.1 - Partitura da música Baião de Ninar.

O ESPAÇO
 UIRAPURU
 Grupo Vocal Uirapuru
 Fev - Jun/ 2017

Baião de Niná

Edino Krieger (n. 1928)

1
 Es - te bai - ão Eu in - ven - tei pra ni - ná

2
 o meu a - mor num ber - ço fei - to de rai -

3
 - os de lu - ar Bai - ão oi de ni - ná

Houve mais duas peças trabalhadas, sendo uma delas o “Cálix Bento” escolhida pelos responsáveis pelo Grupo, sendo essa praticamente desconhecida por todos os estudantes do grupo. A música “Cálix Bento” foi escrita por Tavinho Moura, e tem sido interpretada por grandes nomes da música brasileira como, por exemplo, Milton Nascimento e Renato Teixeira.

Figura 3.2 – Partitura da música Cálix Bento.

Calix Bento

calixbento2

Arr: Nenê Cintra Tavinho Moura

17 A E7 A7

ben - to O ca - lix ben - to e a Hés - tia con - sa -

ben - to On - de mo - ra'o Ca - lix - ben - to e a Hés - tia con - sa -

21 D A/C# Bm7 E7

gra - d'Oi - á meu Deus e a Hés - tia con - sa -

gra - d'Oi - á meu Deus e a Hés - tia con - sa -

25 E7 E7 A A

gra - d'Oi - á

gra - d'Oi - á

de Jes - e da

30 E7 A E7

nas - ceu a va - ra de Jes sé nas - ceu a va - ra da va -

nas - ceu Ma - ri - a e da flor nas - ceu Ma - ri - a de Ma -

sé nas - ceu a Va - ra de Jes sé nas - ceu a va - ra da va -

flor nas - ceu Ma - ri - a e da flor nas - ceu Ma - ri - a de Ma -

calixbento1

25 A7 D A/C# Bm7

ra nas - ceu a flor Oi - á meu Deus da va -

ri - a o Sal - va - dor Oi - á meu Deus de Ma -

ra nas - ceu a flor Oi - á meu Deus da va -

ri - a o Sal - va - dor Oi - á meu Deus de Ma -

29 E7 E7 E7 A

ra nas - ceu a flor Oi - á

ri - a o Sal - va - dor Oi - á

do - o - or - Oi - á

31 E7 A

do - o - or - Oi - á

do - o - or - Oi - á

A última peça foi escolhida democraticamente entre os estudantes que formavam o Coral: “Velha Infância”, música interpretada pelo Grupo Tribalistas. Todos os

estudantes conheciam essa música, sendo essa a mais difícil de trabalhar com o grupo, devido aos enraizamentos que todos traziam da canção original.

Figura 3.3 – Partitura da música Velha Infância.

Velha Infância
TROBALISTAS
 (Coro Infantil ou Coro Adulto Feminino a 2 vozes e acompanhamento de teclado)

Arranjo por Marcelo Meul
 www.marcelomeul.com
 18 de Junho 2014

Arnaldo Anunes / Carlinhos Brown
 Dani Moraes / Marisa Monte

Allegretto
 = 110

Soprano
 Contralto
 Teclado

13 **B**
 S Eu gos-to de vo-cê E gos-to de fi-car com vo-cê
 C Eu gos-to de vo-cê E gos-to de fi-car com vo-cê

17 **B**
 S Meu ri-sos é tão fo-ta con-ti-go O meu ma-ior a-mor é meu a-mor
 C Meu ri-sos é tão fo-ta con-ti-go O meu ma-ior a-mor é meu a-mor

21 **C**
 S E a gen-te can-ta E a gen-te dan-ça E a gen-te não se can-sa...
 C E a gen-te can-ta E a gen-te dan-ça E a gen-te não se can-sa...

25 **C**
 S De ser cri-an-ça A gen-te brin-ca Na nos-sa ve-ra in-fân-cia...
 C De ser cri-an-ça A gen-te brin-ca Na nos-sa ve-ra in-fân-cia...

29 **D**
 S Seus o-ros, meu cã-rão Me guí-am den-tro da sa-cu-ri-dão
 C Seus o-ros, meu cã-rão Me guí-am den-tro da sa-cu-ri-dão

33 **D**
 S Seus pés me a-brem o ca-mi-nho Eu si-go a nun-ca-me sin-to só
 C Seus pés me a-brem o ca-mi-nho Eu si-go a nun-ca-me sin-to só

37 **E**
 S Que-ro te-m-cher... de bel-jos...
 C Que-ro te-m-cher... de bel-jos...
 S Vo-cê é as-sim. Um so-nho pra mim. Que-ro te-m-cher... de bel-jos...
 C Vo-cê é as-sim. Um so-nho pra mim. Que-ro te-m-cher... de bel-jos...

41 **E**
 S Eu pen-do em vo-cê... De-do o a-ma-rho-car. A-té quan-do... me del-to...
 C Eu pen-do em vo-cê... De-do o a-ma-rho-car. A-té quan-do... me del-to...

45 **F**
 S Vo-cê é as-sim. Um so-nho pra mim. Vo-cê é as-sim...
 C Vo-cê é as-sim. Um so-nho pra mim. Vo-cê é as-sim...

5

Vo-cé é as - sim. Um so-nho pra mim Vo-cé é as - sim.

Vo-cé é as - sim. Um so-nho pra mim Vo-cé é as - sim.

Vo-cé é as - sim. Um so-nho pra mim Vo-cé é as - sim.

Para a escolha desse repertório, ocorreram alguns diálogos com o Regente e consultas a outros professores e profissionais interessados na Educação musical, nos quais havia uma discussão sobre colocar músicas conhecidas pelos estudantes ou não, pois isso poderia dificultar ainda mais o cantar coletivamente.

Para promover ainda mais o processo de construção da identidade do grupo, novamente a partir de votação, foi eleito Coral JBH como nome do nosso grupo. Com isso foi marcada nossa apresentação, que para muitos foi a primeira experiência em cantar em público.

3.2 Análise e discussão

Houve três perspectivas do nosso trabalho a serem analisadas. A primeira foi um relato escrito pela professora responsável pelo turno da tarde, horário em que ocorriam as atividades do grupo Coral⁶.

A leitura do relato da professora (Anexo A) nos trouxe muita realização pela riqueza da percepção que o projeto desencadeou na Escola. Apesar de não estar no planejamento inicial da escola, ainda assim obtivemos espaços para desenvolver a proposta. Mas o que destacamos principalmente da fala da professora é o trecho a seguir, no qual utilizaremos o nome fictício Sandro para se referir ao aluno em questão:

⁶Os relatos na íntegra e os demais questionários estão anexados ao fim deste trabalho.

Acho importante relatar o caso de um aluno em especial (Sandro), uma vez que, o mesmo sempre manifestou grande desinteresse pela escola, passou por uma transformação explícita durante o decorrer do projeto. Caminhava pelos corredores da escola cantando, assobiando, demonstrava um imenso apreço musical e aumentou de forma expressiva a sua participação e frequência nas atividades escolares.

Essa situação, em especial, nos deixou muito comovidos e fortalecidos na relação com o projeto. O aluno em questão era considerado por muitos colegas professores como “ruim”, porém o que seriam alunos bons e ruins? É de grande importância que enxerguemos as pessoas em processo de aprendizagem, cada um com suas particularidades e necessidades específicas. Ao conhecer o contexto deste aluno S., era de se esperar um estudante mais agitado mesmo. O mesmo morava somente com o pai, a mãe já havia falecido, e ele também estava em um processo de livramento do vício em drogas. Então este aluno participava do período integral, tanto para dificultar o acesso às drogas e, principalmente, para fazer suas principais refeições do dia, já que em casa não havia disponibilidade. Porém, mesmo a grande maioria do corpo escolar sabendo da situação do aluno Sandro, o mesmo foi expulso por fumar no banheiro, foi expulso sem uma apuração de fato, e segundo amigos do Sandro, ele foi apontado como culpado sem ter culpa.

Este aluno Sandro, como integrante do Coral, era muito educado e participante. Tentamos de várias maneiras entender o porquê os docentes não foram reunidos para decidir de fato a situação deste aluno, mas infelizmente o aluno foi expulso e, conseqüentemente, saiu do Coral. Com este aluno Sandro, sentimos a ideia real de pertencimento deste jovem na escola. Juntamente com o Coral ele estava se encontrando, infelizmente o mesmo teve que sair, e não conseguimos meios para mantê-lo pelo menos no grupo Coral, sendo uma grande perda para o grupo.

A seguir, discutimos os dados do questionário proposto para os participantes do Coral e para o Regente, respectivamente.

Para os participantes do Coral, foram feitas quatro perguntas que serão apresentadas abaixo, no qual as repostas na integra estão em anexo (Anexo B), e no decorrer do texto serão feitos recortes dessas repostas para elucidar nossa discussão. Foi

identificado o gênero de cada estudante, pois acreditamos ser de suma importância para a análise das respostas.

Para a análise a seguir, optamos por chamar os estudantes de A, juntamente com um número na ordem que as respostas foram transcritas.

- 1- *O Grupo Coral JBH contribuiu para o seu dia-a-dia? Se sim, como?*
- 2- *Pontos Positivos e pontos negativos do Grupo Coral JBH.*
- 3- *Você gostaria que essas atividades de música fossem incluídas no dia-a-dia escolar?*
- 4- *De forma livre, diga o que pensou sobre este projeto?*

Ao nos depararmos com as respostas, mesmo não sendo nenhum senhor de meia idade, remetemo-nos ao que Ferretti diz:

Costumo dizer que a juventude me extasia e, às vezes, cansa-me, tamanha é a ebulição que os jovens provocam! A canalização desta energia para o trabalho artístico-musical exige muita perícia de quem o conduz! (FERRETTI, 2018.)

Essa comparação decorre de dias em que não havia ensaio do coral em si, mas sim dias em que conversávamos sobre a vida, planos e um dia em especial as atividades do coral foram suspensas por “corações partidos”. E sempre chegavam muito cheios de energia para o espaço de ensaio, queriam falar sobre o dia, ou agitar o ambiente mesmo. Porém, ao começarmos os exercícios de respiração, os semblantes de todos mudavam rapidamente, e notávamos os esforços deles para as atividades.

Acreditamos que nas respostas de A2; A3; A4; A5; A6; A7 e A8 há elementos que retratem bem a importância de, em algumas ocasiões, não haver ensaios e sim conversas. Havia relatos de timidez, de alunos hiperativos, do uso fora de hora de aparelhos eletrônicos etc. No espaço que estávamos o diálogo sempre foi aberto, com dias que eles contavam suas histórias e cantavam as músicas que ouviam em casa. Gradativamente, os estudantes começaram a ter uma relação melhor no grupo e externamente também. Como dito no referencial, é de suma importância conhecer a realidade dos/das estudantes para que haja um entendimento por parte deles, sobre a importância daquela atividade. A seguir algumas das respostas que elucidam esses apontamentos:

Sim, contribuiu para meu temperamento e em parte para melhoria do meu sistema respiratório.

Sim. Apreendi novos valores e a olhar/ouvir/cantar músicas de uma nova maneira.

Sim, pois o coral me motivou e me tirou do conforto.

Outro aspecto relevante a ser abordado a partir das respostas desde A1 a A8 foi de que o Grupo Coral ofereceu oportunidades de novas amizades, que no início das atividades eram mais individuais e depois começaram a se identificar eles próprios como um grupo. Antunes (2003), em sua análise, traz que há diferentes fases de um grupo, porém ao obterem responsabilidades, espaços para a crítica, e outros elementos estruturantes, o sentimento de pertencimento e essa construção de amizades fortalecem o grupo, coletiva e individualmente. Alguns exemplos:

Eu achei legal porque eu fiz amizades novas, conheci pessoas diferentes, a minha voz melhorou muito, eu tinha muita vergonha, aprendi não ter vergonha.

Eu super gostei desse tempo no coral, pois conheci esse projeto eu consegui me expressar mais conheci pessoas novas, fizemos uma apresentação na UFLA (sonho) e super me dei bem com todos.

Pude ficar mais perto das músicas, conhecer outros tipos de músicas e me aproximou de algumas pessoas.

Sim, o coral me incentivou a gostar mais de músicas que antes não escutava tanto, me ensinou a usar nossa voz de maneira certa, me aproximei muito mais dos meus amigos.

Uma das perguntas foi direcionada para ouvir os estudantes sobre o que eles achariam de ter uma atividade de música no dia-a-dia da Escola. Em sua maioria concordaram e falaram que poderiam sim ter, e que ajudaria desde aprender novas culturas, aprender coisas diferentes. Ressaltamos a resposta de A6:

Sim, pois é cientificamente comprovado que a música mexe diretamente com o psicológico das pessoas e poderia não só melhorar o desempenho escolar do aluno, mas também o desempenho como pessoa.

Ao falar dessa forma, A6 entra em consonância com as ideias de Hummes (2014). A autora aponta que, além da função da música nas atividades de entretenimento, em rituais cívicos e religiosos, a mesma pode ter um caráter integrador com os outros componentes curriculares. Dessa forma, contribui com o desempenho escolar dos estudantes. A autora ainda completa destacando possibilidades de trabalhos corporais ou que desenvolvem o raciocínio.

Um aspecto relevante do grupo, e que em uma ocasião causou alguns diálogos específicos, é o de que a grande maioria dos coralistas era de religião evangélica, e em uma das peças cantadas, houve o questionamento sobre se essa música seria de “macumba”. A peça em questão era “Velha Infância”, interpretada pelo grupo Tribalistas. Ao surgir esse questionamento, abrimos espaço para um diálogo sobre respeito às diferentes religiões e crenças, além da desconstrução acerca de religiões de matrizes africanas.

Continuando, dentre todos os questionamentos apontados para os estudantes, a pergunta quatro foi de desenvolvimento mais livre. Nessa questão podemos observar que, além das questões citadas acima, todos fizeram uma autocrítica e perceberam uma evolução comportamental, de pertencimento ao espaço, e de novas oportunidades que essa vivência trouxe a eles.

Houve um questionário elaborado para o regente, no qual foram ressaltadas e analisadas algumas das respostas.

1- Poderia contextualizar um pouco de sua trajetória de vida (formação, experiências...).

2- O que te motiva ou motivou a trabalhar com extensão?

3- Quais os aspectos de maior e menor relevância do projeto, e quais as principais dificuldades.

4- Potencializar os pontos a serem melhorados.

5- Sendo esse projeto novidade nas escolas da cidade, o que essa experiência piloto trouxe pra você?

6- Como você enxerga a importância de um projeto como esse para a juventude?

Sobre as respostas do regente (Anexo C), enaltecemos a ampla experiência e o enriquecimento que trouxe para o nosso trabalho. E nesse primeiro momento na resposta da questão três. Apesar de a Escola ter cedido o espaço para o Coral, este ainda não era adequado para a prática de canto, pois para práticas iguais ou semelhantes a

coral é necessário certo silêncio, de modo geral, e aquele espaço não proporcionava isso. As atividades externas interferiam internamente no grupo, desviando a atenção e dificultando, por exemplo, o ouvir bem para se desenvolver todos os aspectos do canto. Atualmente, devido a escolhas da própria Escola a sala que era de dedicação para a música, foi agora cedida para aulas convencionais, dificultando ainda mais o prosseguimento do projeto no futuro. Na questão quatro, o Regente aponta um ponto relevante a ser discutido. Apesar da abertura da Escola pela direção e a aceitação por todo o corpo escolar do Grupo Coral, houve uma falta de engajamento por parte da direção no aspecto de organização das datas de apresentação, que eram todas marcadas antecipadamente, e, de certo modo, um incentivo maior por parte deles para que a atividade ocorresse com sucesso.

Vale elucidar a questão da extensão abordada na resposta três, apesar de nosso projeto ser piloto e poder ser auxílio para projetos futuros, ainda há um distanciamento enorme entre a universidade e a cidade em que esta está inserida. Os processos para se fazer extensão ainda são muito burocráticos e muitas vezes poderiam ser simplificados para diminuir o processo de construção deste vínculo tão importante a todos.

Destacando uma última questão aqui, a resposta número seis reforça ainda mais a discussão e referencial que trouxemos sobre a importância da música para a juventude em um contexto geral. Deste modo, mostramos a consonância entre Regente e pesquisador ao pensarmos esse trabalho.

5- Considerações Finais: “Saideira”

Assim como em grandes shows musicais, sempre é tocada a “saideira”, uma última música daquele evento deixando um gostinho de quero mais. Da mesma perspectiva, este título dado traz a vontade de quero mais para projetos e trabalhos com o mesmo cunho deste.

Este projeto, devido a sua característica de projeto piloto, e dentre as diferentes dificuldades, cumpriu o seu papel dentro do âmbito escolar, além de deixar marcas e abrir portas para ideias semelhantes no futuro.

Pelas respostas dos alunos participantes do projeto, pode-se notar que esse tipo de atividade presente no dia-a-dia escolar, contribui de forma direta para o desenvolvimento social e escolar destes alunos. Ao pedirmos compromisso com o grupo, estes alunos evoluíram de formas notórias em relação à atenção e responsabilidades. Trabalharam em conjunto, respeitando diferenças de modo geral e assim cresceram, não só no aspecto individual, mas marcadamente como grupo.

Outra relação importante refere-se ao espaço-juventude. Ao deixar os estudantes personalizarem o espaço onde correram os ensaios, eles se sentiram ainda mais pertencentes àquele local, o que propiciou um clima favorável para se socializar e, ao mesmo tempo, um clima agradável para construir novos saberes e vivenciar novas experiências.

Para os demais estudantes da Escola, pelas dúvidas e questionamentos que sempre fizeram nos corredores da escola, percebemos que ficou um desejo de vivenciar essa experiência em uma nova ocasião. Por diferentes motivos, estes não poderiam participar da atividade naquele período, porém sempre questionavam se iria continuar nos anos seguintes. O desejo é sim conseguir dar sequência futuramente e não ser apenas uma mera pontualidade na Escola.

Sobre essa sequência na escola, é uma questão que vai além apenas do nosso esforço ou do Regente. A Escola (direção e corpo escola) deve/deveriam se comprometer e se posicionar mais sobre projetos desse cunho, pois se não acaba sendo muito desgastante o esforço sendo feito de um lado só. E quando dizemos que vai além do nosso esforço ou do regente, isso se dá em relação à extensão universitária em si, pois, em muitos momentos, ainda há uma certa obscuridade sobre o papel da universidade nesse seguimento, sem mencionar os processos e dificuldades burocráticos presentes pra estabelecer esse vínculo com a sociedade externa à universidade.

Finalizando, esperamos que este trabalho seja subsídio para outros no futuro, e reforçamos a necessidade de que pais, professores da Educação Básica, professores universitários e demais pessoas em seu cotidiano, valorizem a educação pública de qualidade, sempre exercitando a não rotulação de um espaço ou pessoa, devido a sua localização geográfica, cor, orientação sexual etc. Acreditamos sim que, com luta e resistência, poderemos ter um país mais justo e com educação de qualidade para todos e todas.

Referências

ALMEIDA, T. J. B. "Abordagem dos temas transversais nas aulas de ciências do ensino fundamental, no distrito de Arembepe, município de Camaçari-BA." **Candombá-Revista Virtual** 2.1 (2006): 1-13.

ANTUNES, M. O Grupo é a minha Alma: Amizade e Pertença entre Jovens. **Etnografias Urbanas**, p. 143-155, 2003.

AQUINO, T. L. Pela disciplinarização da música no currículo escolar. **36ª Reunião Nacional da ANPEd (1-11), Goiânia. Acedido em Maio**, v. 30, p. 2016, 2013.

BALDISSERA, A. Pesquisa-ação: uma metodologia do “conhecer” e do “agir” coletivo. **Sociedade em Debate**, v. 7, n. 2, p. 5-25, 2012.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. **Em Tese**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 68-80, jan. 2005.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para assuntos jurídicos. Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008. **Dispõe sobre a obrigatoriedade do ensino da música nas escolas de educação básica**. Brasília, 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03. Acesso em: 25/07/ 2017

BRITO, M. P.; CHEVITARESE, M. J. Preferência musical e fatores de influência: uma breve revisão de literatura - **XXII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical - Educação musical: formação humana, ética e produção de conhecimento** . Natal/RN, 2015.

DAYRELL, J. A escola faz juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, v. 28, p. 1105-1128, 2006.

FLICK, U. **Introdução à Pesquisa Qualitativa-3**. Artmed Editora, 2008.

FONTEARRADA, M. T. O.. **De tramas e fios**. 2a. edição MEC/FUNARTE e Editora da UNESP. Coleção Arte e Educação. 2a. ed. São Paulo: FUNARTE e Editora da UNESP, 2008. v. 1. 364p .

FONTEARRADA, M. T. Educação musical: propostas criativas. **A Música na Escola**. São Paulo: ed. Allucci e Associados Comunicações, p. 96-100, 2012.

HAGUETTE, T.M.F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

HUMMES, Júlia Maria. Por que é importante o ensino de música? Considerações sobre as funções da música na sociedade e na escola. **Revista da ABEM**, v. 12, n. 11, 2014.

- LISBOA, A. C.. **Villa-Lobos e o canto orfeônico: Música, nacionalismo e ideal civilizador**. 2005. Tese de Doutorado. Dissertação de mestrado inédita. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.
- MINAYO, M.C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 3ª ed. São Paulo: Hucitec/Abrasco, 1994.
- MARTINS, R.. Educação Musical no Brasil: Uma síntese histórica como preâmbulo para uma ideia de Educação Musical no Brasil do século XX. Salvador: **Revista da ABEM** , 1992, p.6-11.
- SACCOMANI, M. C. S.. **A criatividade na arte e na educação escolar: uma contribuição à pedagogia histórico-crítica à luz de Georg Lukács e Lev Vigotski**. 1. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2016. v. 1. 240p .
- SAVIANI, D. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista brasileira de educação**, 2007.
- SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros curriculares nacionais : apresentação dos temas transversais, ética / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília : MEC/SEF, 1997. 146p. 1. Parâmetros curriculares nacionais. portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf. Acesso : 25/07/2017
- SERRANO, R. M. S. M. Conceitos de extensão universitária: um diálogo com Paulo Freire. **Grupo de Pesquisa em Extensão Popular**, v. 13, n. 8, 2013.
- SERRES, M. Polegarzinha. **Rio de Janeiro: Bertrand Brasil**, 2013.
- SILVA, R. F. P. A. O Ensino de Música em uma abordagem interdisciplinar. **XXII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical - Educação musical: formação humana, ética e produção de conhecimento** . Natal/RN, 2015.
- SILVA, T. T.. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3. ed. - 1. reimp - Belo horizonte: Autêntica, 2010.
- SOBREIRA, S. G. **Disciplinarização da música e produção de sentidos sobre educação musical: investigando o papel da Abem no contexto da lei nº 11.769/2008**. 210f. Tese (Doutorado em Educação) – UFRJ, Rio de Janeiro, 2012.
- PENNA, M. Desafios para a educação musical: ultrapassar posições e promover o diálogo. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, n.14, p. 35-43. 2006.
- TINHORÃO, J. R. Getúlio Vargas: Música Popular, Produto e Propaganda. (p. 303-319). In.: TINHORÃO, J, R. História social da música popular brasileira. – São Paulo: Editora 34, 2010 (2ª Edição). 384p.
- VASCONCELOS, H. V. G. Implementação da Lei 11.769/2008: concepções dos gestores de educação da cidade de Blumenau/SC. **XXII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical - Educação musical: formação humana, ética e produção de conhecimento**. Natal/RN, 2015.

Anexos

Anexo A

Entrevista com a professora responsável pelo turno vespertino.

Foi uma atividade muito produtiva, em que foi possível notar um crescimento enorme no interesse dos alunos ao longo do desenvolvimento do projeto.

Apesar de não fazer parte direta do processo, consegui acompanhar o desenvolvimento dos alunos, através de suas cantarolas que se manifestavam a todo instante em nosso ambiente escolar. A escola ficou mais alegre, os alunos ficaram mais motivados e expressavam claramente uma enorme felicidade.

Acho importante relatar o caso de um aluno em especial (S.), uma vez que o mesmo sempre manifestou grande desinteresse pela escola, passou por uma transformação explícita durante o decorrer do projeto. Caminhava pelos corredores da escola cantando, assobiando, demonstrava um imenso apreço musical e aumentou de forma expressiva a sua participação e frequência nas atividades escolares.

Este projeto demonstrou ser um forte aliado ao processo escolar, uma vez que o mesmo é de fácil acesso, e não possui uma demanda de muitos recursos e materiais.

Contudo, é importante ressaltar que, o sucesso desse projeto se deu ao enorme empenho do Professor André, decorrente das incansáveis visitas à escola e diálogos com nossos alunos, e a disponibilidade do Maestro Daniel Paes que demonstrou aos alunos, em suas visitas à escola, a importância musical - e que todos, sem distinção poderiam cantar - e cantaram, como foi possível acompanhar na apresentação da Música no Museu.

Anexo B

Respostas questionário Alunas (os)

Aluna 1

1- *Sim, o coral me incentivou a gostar mais de músicas que antes não escutava tanto, me ensinou a usar nossa voz de maneira certa, me aproximei muito mais dos meus amigos.*

2- *Pontos positivos: experiências novas, aprendemos a cantar juntos, diversão, conhecer novos tipos de músicas etc.*

Pontos Negativos: temos poucos ensaios, somos poucas pessoas.

3- *Sim, pois não temos muito acesso à música na nossa escola.*

4- *Nesse tempo em que ensaiamos, tivemos uma ótima experiência, cada ensaio que tivemos foi um novo aprendizado.*

O coral foi uma das melhores coisas que aconteceu na escola esse ano, espero muito que continue, pois não vai ficar só por esse ano, eu vou levar o coral pra minha vida toda.

Além de aprender a cantar bem e aprender novas músicas, estamos com os nossos amigos e nos divertimos muito. Resumindo, eu amei essa experiência.

Aluna 2

1- *Sim. Pois o Coral me tirou da minha rotina diária, trazendo experiências novas, amigos e diversão.*

2- *Pontos positivos: Amigos novos, experiências novas como cantar na UFLA.*

Pontos Negativos: Poucas pessoas interessadas no projeto e não havia lanche e falta de transporte.

3- *Sim. Por que a música envolve vários ritmos, cultura no qual mostraria a desigualdade entre o gosto musical.*

4- *Durante o projeto foi ótimo, tinha ensaios que era muito bagunçado que a galerinha deveria ter mais responsabilidade e compromisso e principalmente seriedade mas isso foi só no começo, agora só tenho a elogiar pois nosso desempenho foi ótimo, aprendemos a ter compromisso. Foi um dos melhores trabalhos feito na nossa escola, agradeço por ter escolhido nossa escola em meio a tantas.*

Aluna 3

1- *Sim, pois o coral me tirou do tédio e melhorou as minhas cordas vocais.*

2- *Pontos positivos: pude ficar mais perto das músicas, conhecer outros tipos de músicas e me aproximou de algumas pessoas.*

Pontos Negativos: poucas pessoas se interessaram.

3- *Sim, por que não ficaríamos a toa e ocuparmos o nosso tempo.*

4- *Nesse “pouco” tempo que ficamos nessa trajetória com o Coral, foi uma experiência muito boa. Tivemos vários momentos de acertos e erros, mas com essas dificuldades/altos e baixos que passamos, fizemos uma apresentação muito boa na UFLA, graças ao André e ao nosso Maestro que se disponibilizaram para passar um poço do conhecimento deles. Espero que o ano que vem eu ter mais experiências como eu tive esse ano, Vocês foram 10.*

Aluno 4

1- *Sim, pois aprendi algo novo e me disciplinar mais.*

2- *Pontos positivos: experiências novas, novos lugares etc.*

Pontos Negativos:.

3- *Sim, pois aumentaram seu currículo e novas experiências.*

4- *Nesse tempo com o coral aprendi que não sou um completo desperdício na música, descobri novos horizontes, novas experiências.*

Aluna 5

1- *Sim. Aprendi novos valores e a olhar/ouvir/cantar músicas de uma nova maneira.*

2- *Pontos positivos: aprendi a cantar corretamente, algumas histórias sobre a música, a ouvir vários tipos de músicas, técnicas musicais.*

Pontos Negativos: tive que aprender a cantar de um jeito desagradável (cantar de uma maneira que não sabia)

3- *Sim. Seria uma nova forma de aprendizado e de mostrar diversas culturas.*

4- *Eu gostei, apesar de ter vergonha de cantar na frente das pessoas, cantando em casa consegui cantar músicas que antes do coral não conseguia, evolui bastante nesse ponto. A experiência de pessoas da UFLA comigo foi ótima, pois são pessoas que já estão num nível bem alto, que só me motivou a alcançar certos objetivos.*

Aluno 6

1- *Sim, contribuiu para meu temperamento e em parte para melhoria do meu sistema respiratório.*

2- *Pontos positivos: ter mostrado o universo musical de Lavras, ter contato com profissionais na arte, ter contato com instrumentos.*

Pontos Negativos: tempo curto e poucos dias de treino, falta de profissionalismo por parte dos alunos.

3- *Sim, pois é cientificamente comprovado que a música mexe diretamente com o psicológico das pessoas e poderia não só melhorar o desempenho escolar do aluno, mas também o desempenho como pessoa.*

4- *No começo fiquei um pouco assustado e recuado, mas conforme as aulas foram se passando me soltei, descobri que levo jeito para tocar e fiz amizades que nunca achei que faria, descobri os eventos da UFLA e foi uma das melhores coisas que já fiz.*

Aluna 7

1- *Sim, pois porque o coral me mudou muito aprendi a gostar de música também e consegui aprender a cantar.*

2- *Pontos positivos: que eu aprendi a cantar.*

Pontos Negativos: que a gente foi para UFLA e não teve lanche e também poucas pessoas participaram do coral.

3- *Sim, porque ia ser muito legal uma aula de música na escola, ia ser uma coisa diferente.*

4- *Eu achei legal porque eu fiz amizades novas, conheci pessoas diferentes, a minha voz melhorou muito, eu tinha muita vergonha, aprendi não ter vergonha.*

Aluna 8

1- *Sim, pois o coral me motivou e me tirou do conforto.*

2- *Pontos positivos: me fez compreender mais a música e fiz mais amizades.*

Pontos Negativos: poucas pessoas participando e poucas apresentações.

3- *Sim, pois eu gosto bastante de música e gosto de cantar.*

4- *Eu super gostei desse tempo no coral, pois conheci esse projeto eu consegui me expressar mais conheci pessoas novas, fizemos uma apresentação na UFLA (sonho) e super me dei bem com todos.*

Anexo C

Respostas questionário Regente

1- *Poderia contextualizar um pouco de sua trajetória de vida (formação, experiências...).*

Cresci em Bauru, no interior de São Paulo, em uma época na qual o acesso à formação musical não era exatamente abundante na região. Meu primeiro envolvimento com a música se deu dentro da igreja católica, tocando violão com um grupo de amigos. Mais tarde, quando minha relação com esta arte se tornou mais séria, estudei um tempo no Conservatório de Tatuí, antes de fazer o curso superior na Universidade de São Paulo. Findo o bacharelado, passei um tempo viajando, tive a oportunidade de reger em alguns países da América do Sul e Europa, e concluí uma pós-graduação nos Estados Unidos antes de chegar em Lavras.

2- *O que te motiva ou motivou a trabalhar com extensão?*

Eu sempre me senti em casa na universidade, e a extensão é a perna do famoso tripé universitário (ensino, pesquisa e extensão) que melhor acomoda a prática musical. Continuo com meus trabalhos de pesquisa, e o ensino faz parte de nossas atividades diárias. Além disso, a atividade de extensão possibilita nosso contato diário com um público amplo, composto também por pessoas que não teriam um contato com a universidade, não fosse pela extensão. Isso nos ajuda a ter uma perspectiva melhor a respeito do impacto de nosso trabalho na sociedade.

3- *Quais os aspectos de maior e menor relevância do projeto, e quais as principais dificuldades.*

O engajamento dos alunos neste projeto foi o aspecto mais relevante, crucial mesmo para a conclusão do mesmo no final do ano. A principal dificuldade foi a inadequação do espaço que tivemos para trabalhar. A sala de aula era tomada pelo som de outras atividades desenvolvidas por alunos do lado de fora, e notamos que isso foi um fator importante de des-concentração de nossos coralistas.

4- *Potencializar os pontos a serem melhorados.*

Me parece que o principal aspecto a ser melhorado é o engajamento da direção da escola, além dos alunos. Isso poderia resolver o problema citado, da sala e horário dos ensaios, iria conferir um caráter mais “oficial” de nossa atividade, impedindo a

realização de provas, por exemplo, concomitantes a ensaios ou apresentações do grupo.

5- Sendo esse projeto novidade nas escolas da cidade, o que essa experiência piloto trouxe pra você?

É sempre interessante e bonito ver um movimento que tem início nas bases – como esse, por exemplo, uma iniciativa do pesquisador/monitor em conjunto com os alunos. Porém, entendo que as futuras experiências necessariamente contarão com a assinatura de um convênio entre a direção da escola e a nossa universidade. Por isso, estamos tentando, há cinco meses, uma reunião com a Secretaria Municipal de Educação, a fim de implantar o projeto em todas as escolas da rede pública de Lavras.

6- Como você enxerga a importância de um projeto como esse para a juventude?

Creio que a prática musical é essencial em qualquer projeto de educação sério. Uma de suas mais importantes contribuições, nos dias de hoje, é o exercício da concentração, o comprometimento com um trabalho em conjunto e a valorização de aspectos da vida diferentes do consumo desenfreado. Corremos um sério risco de formar uma geração individualista, cega às catástrofes ambientais e sociais que se aproximam a passos largos, e incapaz da leitura e compreensão de textos um pouco mais longos do que os postados em redes sociais. A música é uma das reações mais contundentes a esse movimento.